

# Entre a ficção e o social: a figura feminina e o conto machadiano “O anjo das donzelas”

*Juliana Felizardo da Silva*<sup>1</sup>

*Katia Aily Franco de Camargo*<sup>2</sup>

## *Resumo*

“O anjo das donzelas” (1864) é uma das primeiras contribuições de Machado de Assis ao *Jornal das Famílias*. A narrativa apresenta Cecília, leitora de romances que, influenciada pelos desfechos trágicos dessas histórias, decide, com a ajuda de um anjo, viver sem se apaixonar. Tendo isso em consideração, este artigo visa estudar a imagem feminina representada nesse conto e o diálogo com aspectos sociais que circunscreviam a mulher na sociedade brasileira do século XIX, utilizando conceitos propostos por Pageaux (2011), Crestani (2009) e D’Incao (2004). Adotamos uma abordagem qualitativa, a pesquisa bibliográfica e o método indutivo. Concluímos que o conto apresenta uma imagem feminina subversiva que critica percepções sobre a mulher, fora da ficção.

*Palavras-chave:* Machado de Assis. Imagem Feminina. Imagotipos. Século XIX

Data de submissão: abril. 2025 – Data de aceite: junho. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v22i1.16968>

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, também pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e formação técnica em Administração, pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Bolsista CAPES. <https://orcid.org/0009-0006-2611-1392> E-mail: [julianafelizardo08@gmail.com](mailto:julianafelizardo08@gmail.com)

<sup>2</sup> Possui Doutorado em Letras, com especialização em Língua e Literatura Francesa, pela Universidade de São Paulo (2005) e graduação em História pela mesma instituição (1998). Realizou pós-doutorado em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Université de Saint-Quentin-en-Yvelines (2012), além de pós-doutorado em Estudos da Tradução na Université de Montréal (2024). <https://orcid.org/0000-0001-6463-8976> E-mail: [katia.aily@ufrn.br](mailto:katia.aily@ufrn.br)

## Introdução

A literatura, embora ficcional, é um meio de representar uma determinada realidade, dando-nos pistas para poder entender um imaginário social<sup>3</sup>. Não se trata de um documento histórico, mas, como uma representação, surge a partir das experiências humanas, inseridas em um contexto histórico e cultural. A exemplo disso, através das obras de Machado de Assis, autor que bem imprimiu na escrita aspectos sociais do século XIX, somos levados a pensar diversas questões sócio-históricas, a exemplo da figura feminina no texto e na sociedade.

No conto “Anjo das donzelas”, uma série de questionamentos sobre a mulher pode ser encontrada. A narrativa versa sobre Cecília, uma jovem leitora de novelas e romances, que teme o sofrimento amoroso. Numa noite, ela recebe a visita de um ser fantástico que lhe lembra os serafins retratados nas artes. Esse lhe faz uma proposta: em troca de nunca se apaixonar, ela teria uma vida de paz, isenta das dores do amor. A jovem aceita a aliança, passa a vida recusando pretendentes e, por fim, na velhice, descobre que a figura que ela achava ser um anjo naquela noite era, na verdade, uma criada enviada por seu primo para que lhe entregasse um anel.

Publicado no *Jornal das Famílias* em 1864, esse texto se trata de um dos primeiros contos de Machado de Assis nesse periódico, cujo público-alvo era, inicialmente, a família brasileira e depois passa a ser direcionado para as mulheres. O próprio editorial do jornal, em 1863, reforçava essa diretriz ao afirmar: “Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importam ao país, a economia doméstica, a instrução moral e recreativa, a higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias” (*Jornal das Famílias*, 1863, p. 12). Assim, essa pontuação que é feita pelo editor torna evidente o foco editorial da publicação e contextualiza os valores, como o comportamento feminino, o ideal de mãe, cuidadora do lar, aspectos ligados a moral, entre outros que estariam nessa categoria de “utilidades da família”.

Diante disso, o nosso objetivo é analisar, por meio de leitura crítico-analítica, a imagem feminina representada no conto “O anjo das donzelas”, de Machado de Assis e o diálogo com aspectos sociais que circunscreviam a mulher na sociedade brasileira do século XIX. Para isso, utilizaremos como eixo norteador noções sobre Imagologia propostas por Pageaux (2011); Crestani (2009), que estuda o periódico em que o conto foi publicado; e D’Incao (2004), que se dedica ao estudo sobre a mulher no século XIX. Desse modo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em uma análise de caráter

---

<sup>3</sup> O conceito de “imaginário social”, segundo Daniel-Henri Pageaux (2011), refere-se ao conjunto de representações, imagens, símbolos, mitos e ideias que uma sociedade ou grupo compartilha e que molda a sua percepção do mundo.

bibliográfico, na qual são investigadas obras e estudos relevantes para o tema em questão. Além disso, emprega-se o método indutivo, pois partimos de observações sobre a representação feminina na obra literária para pensar aspectos mais gerais, como a relação do texto literário com o contexto histórico e culturais sobre a mulher.

Dessa forma, este trabalho se justifica, pois, no contexto do Brasil do século XIX, marcado pela ausência de direitos para as mulheres e pela predominância de uma visão patriarcal que estruturava as relações sociais, investigar a obra de Machado de Assis sob a ótica da composição da figura feminina se faz importante. A análise pode possibilitar uma visão de como o autor constrói essa imagem e em que medida ela critica os papéis sociais, como também lançar luz para valores, preconceitos e contradições de uma sociedade, aspectos tão bem explorados nas obras machadianas.

À vista disso, este escrito está estruturado, para além da introdução, com uma seção em que abordamos de maneira geral sobre o *Jornal das Famílias* e seu perfil editorial, a análise do *corpus* deste artigo, a luz da Imagologia e, por fim, concluimos com as nossas considerações finais.

## 1 A figura feminina: uma análise imagiológica de “O anjo das donzelas”

“O anjo das donzelas” foi publicado no Rio de Janeiro, em 1864, no *Jornal das Famílias*: a primeira parte em setembro e a segunda, no mês seguinte, em outubro, sendo assinadas pelo pseudônimo machadiano “Max”. Antes de receber esse nome, o periódico originalmente se chamava *Revista Popular* e funcionou de 1859 a 1862. No ano seguinte, 1863, torna-se o *Jornal das Famílias*. O editor Garnier<sup>4</sup> faz uma carta de apresentação desse novo rumo do jornal e informa a preocupação em manter assuntos adequados à família nas páginas do impresso:

Depois de quatro anos de brilhante carreira, e já no seu 16º volume, cessa a Revista Popular, ou antes, se transforma em nova publicação. [...] Certos de que os assinantes da Revista Popular continuarão a ser também do Jornal das Famílias brasileiras, lhes remeteremos mensalmente o novo jornal. As mães de família não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo o cuidado, como na Revista Popular, para a escolha dos artigos. (*Revista Popular*, tomo 16, 1862, p. 361)

Apesar de no início estar voltado para toda a família, com o tempo, as publicações do periódico passaram a ser dedicadas a um público predominantemente feminino. Além de assuntos domésticos, como receitas de remédios caseiros, costura, entre outros, o jornal reforçava uma visão idealizada da mulher como principal responsável pelo lar. Essa perspectiva era ilustrada por imagens, retiradas de uma espécie de catálogo francês no

---

<sup>4</sup> Sobre a importância de Jean-Baptiste Garnier no Brasil cf. Granja, 2016.

qual eram escolhidas as que mais se adequavam ao conteúdo, segundo Mauro (1991). Geralmente, as gravuras escolhidas remetiam à figura feminina no ambiente doméstico, na maior parte, cuidando dos filhos, como exemplifica a imagem abaixo, em que é possível notar essa imagem do feminino.

Figura 1: Ilustração presente no *Jornal das Famílias*



Fonte: Hemeroteca digital (*Jornal das Famílias*, 1864, p. 82)

Desse modo, o periódico não apenas retrata, mas também reforçava uma construção social que vinculava a identidade feminina às esferas do lar e da família. Essa idealização surge também na literatura que se supunha que agradava esse público leitor, como expõe o trecho a seguir:

Agradecemos também aos hábeis e amenos literatos que se não esqueceram de enfeitar as nossas páginas com aquelas lindas produções caídas de suas penas em horas de mágica inspiração, com aquelas flores que tão perfumadas e formosas ofereceram às nossas leitoras. Esperamos que nos continuem tão graciosas ofertas. Flores como são, antes sejam elas colhidas por mãos de neve de outras flores, a serem por aí desfolhadas pela ventania do esquecimento (*Jornal das Famílias*, 1864, p. 1-2 *apud* Crestani, 2009, p. 61).

Segundo Crestani (2009), na própria composição desse texto é possível perceber a utilização de recursos próprios do discurso romântico-idealista quando o redator escolhe usar termos como “mágica inspiração” e “enfeitar”. Tomando por base as palavras de Alexandra Santos Pinheiro (2002), Crestani (2009) aponta também que o periódico incorporou na literatura divulgada em suas páginas a escola romântica ao abordar temáticas como o amor idealizado, a instrução moral, a fuga da realidade e a redenção das personagens geralmente por meio da morte.

No mesmo ano em que essa nota que citamos é publicada, Machado de Assis publica

também um conto, “O anjo das donzelas”, que se vale desses moldes do romantismo, entretanto, criticando-os através da ironia, definida por Duarte (1991) como um meio de mostrar incongruências no texto que serão percebidas por leitores atentos. Para a autora,

[...] o Romantismo adota o partido do indivíduo contra o da sociedade: suas bases são os pressupostos de liberdade, liberalismo, igualdade, e a revolta do indivíduo contra um aparelho ideológico que o ignora na sua subjetividade e na sua individualidade, condenando-o a reprimir seus desejos e emoções, em nome de valores morais absolutos baseados em Verdade e Bem, previamente estabelecidos por governo, Igreja ou família. (Duarte, 1991, p. 59)

Tendo isso em vista, e considerando que o perfil editorial do *Jornal das Famílias* se alinhava, em certa medida, a essa escola literária, a ironia pode ser utilizada como uma ferramenta de crítica social. Vejamos como isso se dá no conto.

O texto inicia com um alerta do narrador: “Cuidado, caro leitor, vamos entrar na alcova de uma donzela. A esta notícia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado”<sup>5</sup>(Assis, 1864, p. 249). Esse aviso acentua o caráter conservador do *Jornal das Famílias* e o tom moralista da literatura veiculada nele, alinhado aos valores sociais que predominavam na época. Embora direcionado a um público alvo majoritariamente feminino, o conto faz referência ao leitor, no masculino, “homem de bons costumes”, podendo demonstrar que essas figuras masculinas controlavam o que era lido e publicado.

É válido destacar que os jornais geralmente eram comprados pelos pais ou cônjuges das mulheres leitoras. Assim, a escolha pelo vocativo pode retratar tanto a estrutura patriarcal da sociedade oitocentista, quanto a dinâmica editorial que reconhecia os homens - pais, maridos ou tutores - como os responsáveis pela aquisição e pela validação do que era lido pelas figuras femininas de seu entorno.

Um exemplo dessa relação entre o que era lido pelas mulheres e a aquisição pela figura masculina aparece em outro texto machadiano. No romance *Quicas Borba* (1891), no capítulo CLXI, Machado de Assis incumbe Rubião de comprar a *Revista dos Dous Mundos* que Sofia queria ler:

[...] Um dia, no melhor dos trabalhos da comissão das Alagoas, perguntara-lhe uma das elegantes do tempo, casada com um senador:  
- Está lendo o romance de Feuillet, na *Revista dos Dous Mundos*?  
- Estou, acudiu Sofia; é muito interessante.  
Não estava lendo, nem conhecia a Revista; mas, no dia seguinte pediu ao marido que a assignasse; leu o romance, leu os que saíram depois, e fallava de todos os que lerá ou ia lendo. (Assis, 1891, p. 357-358)

No trecho transcrito, a personagem Sofia quer a *Revista dos Dous Mundos* e pede a

---

<sup>5</sup> A grafia das palavras foi atualizada em conformidade com as regras ortográficas atuais, contudo, mantendo a o conteúdo original.

Rubião, seu marido e quem detinha o poder aquisitivo, podendo esse comprar ou não. Assim, a leitura passava pelo crivo da figura masculina.

Voltando a questão do narrador, de acordo com Crestani (2009, p. 100),

[...] esse procedimento do narrador machadiano de convocar o leitor para dentro da narrativa [“Cuidado, caro leitor”], exigindo dele uma postura ativa e participativa para construção do texto, guarda uma significativa diferença em relação ao modo como os escritores do Romantismo brasileiro concebiam o ato de leitura.

Se antes havia um distanciamento entre obra e leitor, Machado se contrapõe a isso e parte de uma concepção da leitura como fenômeno ativo, convocando os leitores a participarem da construção de sentido do texto.

Esse narrador, seguindo a classificação proposta por Norman Friedman (2002), é onisciente editorial, isto é, conhece os personagens e suas histórias, incluindo pensamentos e sentimentos. Ademais, emite opiniões, julgamentos e explicações. Essa escolha feita por Machado de Assis tem como efeito estético literário um tom didático, que pode criar um efeito moralizante que se alinha com o perfil editorial que buscava, de certa forma, “educar” as leitoras.

Ainda no início do conto, esse narrador editorial machadiano utiliza a ironia ao dizer algo com aparente sinceridade, mas deixando interpretações subversivas nas entrelinhas, a exemplo do que acontece no trecho: “Eu também acato a família e respeito o decoro. Sou incapaz de cometer uma ação má, que tanto importa delinear uma cena ou aplicar uma teoria contra a qual proteste a moralidade” (Assis, 1864, p. 249). O narrador diz estar de acordo com a visão patriarcal sobre a moralidade, entretanto, o conto critica justamente essa moral.

Após essa conversa inicial com o leitor, o narrador nos apresenta Cecília:

Veja o leitor se a moça que ali se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nu escapando-se do alvo lençol e tendo na extremidade uma mão fina e comprida, os cabelos negros, esparsos, fazendo contraste com a brancura da fronha, os olhos meio cerrados lendo as últimas páginas de um livro [...] (Assis, 1864, p. 249).

A apresentação da personagem segue um padrão clássico das descrições da estética romântica, que frequentemente idealizava a figura feminina por meio de características que exaltavam delicadeza, pureza e fragilidade. A delicadeza das mãos, a brancura do lençol e da fronha que dialoga com a pele alva de Cecília criam uma imagem feminina etérea e angelical que acentua a idealização da mulher.

Essa idealização, presente nas descrições textuais, pode ser mais bem compreendida à luz do método de análise proposto por Pageaux (2011), que se divide em três níveis: o lexical, as relações hierárquicas e o cenário. No primeiro, “[...] definimos uma

primeira imagem (textual) e do imaginário como sendo aquele do léxico, que solicita levantamentos lexicais, campos semânticos, recomposições de possíveis isotopias” (Pageaux, 2011, p. 115). Considerando as sugestões do crítico francês com relação ao primeiro nível de análise, podemos perceber uma construção arquetípica da personagem feminina no conto “Anjo das donzelas”. São usadas características e adjetivos que enfatizam a pureza e beleza de Cecília, a exemplo de: “donzela”, “moça”, “sorriso de angelical suavidade”, “bela”, entre outros. Até mesmo quando a personagem já está idosa, o narrador ressalta suas características. Era uma “velhice bonita”, “Cecília inspirava ainda a ternura, o entusiasmo, o respeito”, “Os fios de prata que lhe serviam de cabelos emolduravam-lhe o rosto rugado, mas ainda suave. A mão, que tão linda era outrora, não tinha a magreza repugnante, mas era ainda bela e digna de uma princesa... velha.” Assim, essas descrições parecem estar alinhadas ao imaginário social da época e do que se esperava de uma mulher.

A leitura de romances e novelas aparece como uma marca dessa imagem feminina que se vai construindo no conto. No excerto “Lê, como disse, um livro, um romance, e apesar da hora adiantada, onze e meia, ela parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e quem morreu.” (Assis, 1864, p. 250), é destacado nas duas últimas orações verbais alguns dos temas que recorrentemente eram associados à leitura feminina: o casamento e o sofrimento. O excesso dessas leituras “danosas” é apontado pelo narrador como causa da aversão que Cecília vai criando para o amor.

A cada novela que lia mais lhe cresciam os sustos, e a pobre menina chegou a determinar em seu espírito que nunca exporia o coração a tais catástrofes. Provinha este sentimento de duas coisas: do espírito supersticioso de Cecília, e da natureza das novelas que lhe davam para ler. Se nessas obras ela visse, ao lado das más consequências a que os excessos podem levar, a imagem pura e suave da felicidade que o amor dá, não se teria de certo apreendido daquele modo. (Assis, 1864, p. 251).

Segundo D’Incao (2004, p. 191), era incentivada a “[...] absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas [...]. As histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a realização das relações amorosas e das perspectivas de casamento”. Ironicamente, no conto machadiano aqui analisado é esse tipo de leitura que instiga a aversão de Cecília à construção de um relacionamento.

O narrador cita algumas obras que eram consideradas leituras femininas, como *Fanny*, de Feydeau, e *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre<sup>6</sup>. Além disso, ressalta ao longo do texto *Romeu e Julieta* de Shakespeare, criando uma intertextualidade entre essas duas obras. Julieta se entrega ao amor, vive todas as suas complexidades e termina

---

<sup>6</sup> O website de Martha Senna, machadodeassis.net, oferece uma contribuição significativa para a leitura da obra de Machado de Assis, ao facilitar o acesso as explicações sobre as referências na ficção machadiana.

com um final trágico. Cecília, por outro lado, tenta fugir desse destino, se recusando a viver um sentimento romântico. Assim, a personagem machadiana se distancia dos papéis esperados da figura feminina no imaginário social da sociedade brasileira do século XIX e expõe uma crítica a esses modelos.

Após refletir sobre o que leu e chegar à conclusão de que os livros trazem uma perspectiva divina sobre o amor, mas, ao mesmo tempo, o fim dessas narrativas é quase sempre trágico, Cecília determina “[...] em seu espírito que nunca exporia o coração a tais catástrofes” (Assis, 1864, p. 251). Embora a leitura fosse considerada um meio de educar as jovens leitoras, o narrador destaca que as leituras feitas pela personagem foram “um estrago moral”. A literatura lhe despertou para uma nova visão sobre a vida, para além de um casamento.

Cecília aprendeu nesses livros que o amor era uma paixão invencível e funesta; que não havia para ela nem a força de vontade nem a perseverança do dever. Esta ideia calou no espírito da moça e gerou um sentimento de apreensão e de terror contra o qual ela não podia nada, antes se tornara mais impotente à medida que lia uma nova obra da mesma natureza. (Assis, 1864, p. 251)

Cecília estava imersa nesses pensamentos sobre os prós e contras de um relacionamento, em um estado de sonolência e transportada para uma atmosfera fantástica, num limiar entre o sonho e a realidade, em que o ambiente e os sons conduzem a um espaço quase onírico. É nesse contexto que ela recebe a visita de um ser fantástico que não consegue distinguir se é homem ou mulher, como indica o narrador. Essa figura descrita como alva, que surge flutuando e se assemelhava às pinturas dos serafins se apresenta como o anjo das donzelas, cuja missão era a de proteger dos sofrimentos amorosos.

A representação da visita desse anjo remete a anunciação do anjo Gabriel à Maria, segundo o evangelista Lucas na *Bíblia Sagrada* (2017), que conservou sua castidade perpetuamente, segundo o catolicismo, religião predominante naquela época. No contexto da obra machadiana essa intertextualidade pode ser interpretada como mais um elemento estético literário que reforça a pureza, a castidade e a moral. Além disso, a imagem que fecha a primeira parte do conto publicado é a do anjo Gabriel aparecendo para Maria e em cima, a figura de uma pomba que representa o Espírito Santo, acentuando os aspectos já mencionados.

Figura 2: Figura que acompanha o conto “Anjo das donzelas”



Fonte: Hemeroteca digital (*Jornal das Famílias*, 1864, p. 257)

Assim como é recorrente nas histórias bíblicas, é feita uma aliança entre Cecília e o anjo, como feita a Abrão, Moisés, Daniel, entre outras figuras da cultura cristã. Ela não se entregaria ao amor durante toda a sua vida e, em troca, seria feliz: “— Este anel, disse o anjo, é o anel de nossa aliança; doravante és minha esposa ante a eternidade. Deste amor não te resultarão nem tormentos nem catástrofes. Conserva este anel a despeito de tudo. No dia em que o perderes, estás perdida” (Assis, 1864, p. 255). Essas intertextualidades bíblicas acentuam o tom moralizante da narrativa inserida em um periódico que não só estava preocupado com a moral, como trazia de maneira recorrente textos de religiosos em suas páginas, mantendo-se um jornal da família. Então, embora a narrativa aborde uma personagem que não se casa, traz elementos que também remetem ao religioso.

Para Pageaux (2011), no segundo nível de análise é possível observar as relações hierarquizadas por meio de vários registros, entre eles, o espaço-temporal e dicotomias, a exemplo de homem e mulher. Investigando esse último no conto, tem-se uma visão do que é ser mulher e os papéis atribuídos a ela que criam imatotipos e, imagens comuns que surgiam no imaginário social brasileiro do século XIX. Segundo Sousa (2004), o imatotipo se caracteriza pela flexibilidade e pelas múltiplas nuances, ao contrário do estereótipo, que apresenta uma estrutura e um significado fixos. Já a figura masculina aparece na representação dos pretendentes de Cecília. O mais notável aos olhos da família é aquele que, apesar de não ter nada em comum com a personagem e ser considerado uma pessoa mais ligada ao cálculo que aos sentimentos, possui uma ótima condição financeira, o que acentua a percepção econômica e as relações de interesses inerentes ao casamento.

Machado subverte o quadro tradicionalmente encontrado nos romances e novelas do século XIX, nos quais as figuras femininas, geralmente, sofriam por amor, e traz um personagem masculino que tira sua vida devido ao amor não correspondido. No conto, um dos pretendentes de Cecília, descrito como poeta, não suporta a indiferença da amada e decide pôr um fim a sua vida, deixando uma carta poética contando das suas motivações

e sentimentos por Cecília. Essa inversão feita pelo autor pode indicar um questionamento aos imagotipos da época, visto que esse lado emocional que leva a um extremo como a morte era comumente associado à mulher.

Ainda dentro das relações hierarquizadas, o casamento, no caso da personagem, também pode ser visto como uma manutenção de uma dominação social, já que esse, naquele contexto histórico, conferia um *status quo*, além de ser considerado o ápice da felicidade feminina. A decisão de Cecília parece tão irracional para seu ciclo social que eles criam uma hipótese do que a teria feito tomar essa medida, o motivo da espera seria uma paixão secreta pelo primo que não estava mais na mesma cidade, mas essa suposição não corresponde à verdadeira razão. Ironicamente, o ápice da felicidade de Cecília, prometida pelo anjo, vem não de um relacionamento, mas de se manter longe do amor.

A atitude da jovem de ir contra o que era esperado chega a ser considerado um pecado, como mostra o excerto: “[...] passavam os dias e nada fazia notar que Cecília tivesse pago o pecado que cometera na opinião das amigas.” A escolha do termo “pecado” não só remonta a moralidade e a questão religiosa, como também demarca o peso sobre a conduta de Cecília que, de certa forma, rompe uma convenção social.

De acordo com D’Incao (2004, p. 187), era esperado “Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível.” Esse ideal de figura da mulher, cuidadora do lar e do marido não estava alinhado ao que pretendia a protagonista do conto.

No final da narrativa, a protagonista, já idosa e morando com a irmã viúva, recebe a visita de seu primo, o qual tinha uma paixão por ela na adolescência e descobre que o anel, na verdade, foi dado por ele e não por uma criatura fantástica. Tiburcio revela ter pedido para que uma mucama colocasse o anel no dedo de Cecília quando ela estivesse dormindo, após suas leituras. Ao tirar a joia, ela percebe as iniciais do nome do primo, T.B., indicando que ele tinha razão. Logo, tudo não passou de fruto da imaginação da jovem leitora.

Assim, parece haver uma crítica, como uma espécie de “moral da história”, em que se é criticada a falta de senso crítico diante do que era lido. O primo chega a falar para Cecília que ela “[...] não devia fazer outra coisa mais do que averiguar a razão do fenômeno, e não dar crédito a uma cousa toda de imaginação” (Assis, 1864, p. 289). Assim, há um questionamento de até que ponto a personagem poderia acreditar cegamente no que era divulgado na literatura. Essa reflexão também pode ser lida como um meio de suscitar nas próprias leitoras do *Jornal das Famílias* esse senso crítico, já que o tipo de literatura consumida por Cecília também era a veiculada no periódico.

Esse aspecto de não ver o que é aparente ou de não questionar o que se lê aparece

também na escolha estético-literária do nome da personagem. Cecília, segundo Neves (2008), deriva do latim *caecus*, que significa “cego” e remete a quem não enxerga além do óbvio. Machado de Assis, mostra em outros trabalhos, como em “Pai contra mãe” (1906), a preocupação com a escolha de nomes de ruas e de personagens, associando-os com o conteúdo. Desse modo, a escolha dessa denominação da protagonista não é aleatória, assim como em outras obras machadianas e a citação do narrador, que segue abaixo, acentua essa percepção:

Há certos nomes que só assentam em certas criaturas, e que quando ouvimos pronunciá-los como pertencentes a pessoas que não conhecemos, logo atribuímos a estas os dons físicos e morais que julgamos inseparáveis daqueles. Este é um desses nomes. [...] veja se aquela criatura pode ter outro nome, e se aquele nome pode estar em outra criatura. (Assis, 1864, p. 249-250)

No que tange o espaço, Cecília aparece ocupando sempre ambientes da casa, “Do colégio saíra para casa e de casa não saíra para mais parte alguma” (Assis, 1864, p. 251). Dentro deste cenário, destaca-se o quarto da personagem, onde ela, apesar de presa em um espaço fechado, alcança a liberdade na leitura. Segundo D’Incao (2004, p. 191),

As alcovas, espaço do segredo e da individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a explosão dos sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis.

O espaço do quarto, então, tem em si um contraste, pode ser visto como um lugar de confinamento, mas também de liberdade emocional e intelectual por meio da leitura.

Desse modo, essas figurações do espaço macro, sociedade brasileira do século XIX e micro, a casa, mais especificamente o quarto, nos permitem analisar a existência de relações hierarquizadas dentro do texto que moldam a perspectiva sobre a imagem feminina, reflexo de construções sociais.

Por fim, para Pageaux (2011), essas formulações para representar o Outro nos permite chegar ao funcionamento de um imaginário social. Segundo o autor, “Diremos que essas escolhas dependem amplamente do contexto histórico, social, cultural, político e teremos razão, se reconhecermos que é a partir desses dados que o texto é escrito, e não por causa deles” (Pageaux, 2011, p. 116). Dessa forma, o texto não representa o real de maneira passiva, mas age ativamente interpretando-o. É a partir de concepções sobre a mulher no Brasil do século XIX e dessa mentalidade que o texto machadiano expõe aspectos sobre a figura feminina.

## Considerações finais

Este estudo teve por objetivo analisar a imagem feminina no conto “O anjo das donzelas”, de Machado de Assis, publicado no *Jornal das Famílias* e possíveis interações com as concepções sobre a mulher no Brasil do século XIX. Para tanto, utilizamos a teoria imagológica proposta por Pageaux (2011). Com base na análise apresentada, é possível concluir que o conto de Machado de Assis constrói uma imagem feminina subversiva que desafia os imagotipos tradicionalmente atribuídos às mulheres na sociedade brasileira do século XIX. Ao apresentar uma personagem que se opõe às expectativas sociais e de comportamento, o texto vai de encontro aos imagotipos de feminilidade, criticando as normas sociais que se esperava serem cumpridas pelas mulheres.

Como vimos, o texto destaca imagotipos associados ao tipo de literatura consumido por mulheres nessa época, como romances e novelas romanescas com finais trágicos. Além disso, a descrição dos aspectos físicos da personagem Cecília segue padrões típicos do movimento do Romantismo, como a pele alva e traços delicados, a exemplo dos pés e das mãos pequenos, entre outros que eram atribuídos ao ideal de figura feminina. Machado descreve uma série de subversões: o ideal romântico de mulher submissa ao amor; a figura feminina que decide sobre o seu destino; Cecília é quem decide não se apaixonar, transgredindo, assim, limites da mentalidade patriarcal.

O casamento e a moralidade também aparecem como elementos principais dessa figuração do feminino. O conto apresenta o imaginário social sobre o matrimônio, atrelado a felicidade feminina por meio desse. Machado expõe o que era esperado da mulher no século XIX dentro dessa mentalidade, no entanto, subverte as expectativas sociais da época ao trazer uma personagem que foge desse padrão e não se casa.

Em suma, os elementos presentes nesta obra de Machado de Assis, apesar de ficcional, nos propõem reflexões sobre as figuras femininas da sociedade oitocentista e da contemporaneidade no Brasil, visto que alguns pontos, como o comportamento esperado da mulher, ainda permanecem em nosso imaginário e ecoando nas nossas relações sociais.

## Between fiction and society: the female figure and the machadian short story “O anjo das donzelas”

### Abstract

*“O anjo das donzelas” (1864) is one of Machado de Assis’s earliest contributions to *Jornal das Famílias*. The narrative introduces Cecília, a reader of novels who, influenced by the tragic endings of these stories, decides, with the help of an angel, to live without falling in love. Considering this, this article aims to study the feminine image represented in this short story and its dialogue with social aspects that confined women in 19th-century Brazilian society, using concepts proposed by Pageaux (2011), Crestani (2009), and D’Incao (2004). We adopt*

a qualitative approach, bibliographic research, and the inductive method. We conclude that the short story presents a subversive feminine image that critiques perceptions of women beyond fiction.

Keywords: Machado de Assis. Feminine Image. Imagotypes. 19th Century

## Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*: antigo e novo testamento. 2 ed. Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB, 2017.

JORNAL DAS FAMÍLIAS. Rio de Janeiro e Paris: Garnier, 1863-1878. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/jornal/339776>. Acesso em: 28 de dezembro de 2024.

ASSIS, Machado de. *Anjo das donzelas*. Jornal das Famílias, Rio de Janeiro, 1864, p. 249-289. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/jornal/339776>. Acesso em: 28 de dezembro de 2024.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, Livreiro Editor, 1891. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018608&bbm/7808#page/111/mode/1up>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2009.

D'INCARO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In.: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 187-201.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, humor e literatura. In: Ensaaios de Semiótica. *Cadernos de Teoria da Literatura*, Belo Horizonte. UFMG, 22-24: 92-113, 2004-91.

FARACO, Carlos. Machado de Assis – Um mundo que se mostra por dentro e se esconde por fora. In: ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. São Paulo: Ática, 1998.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, n. 53, p. 166-182, 2002.

GRANJA, Lúcia. *Fazer os livros antes dos livros, Machado de Assis e Baptiste Louis Garnier*: Imprensa e Impressos. Tese de Livre-Docência. Ibilce/Unesp: São José do Rio Preto, 2016.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de dom Pedro II, 1831-1889*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

NEVES, Orlando. *Dicionário de Nomes Próprios*. 2. ed. Alfragide: Casa das Letras, 2008.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Katia A. F. de Camargo (Trad.). In: PAGEAUX, Daniel-Henri. *Musas na encruzilhada*: ensaios de Literatura Comparada; Organização [de] Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva, Rosani Ketzer Umbach; Prefácio [de] Eduardo de Faria Coutinho. -Frederico Westphalen (RS)/São Paulo/Santa Maria (RS): EdURI/Hucitec/EdUFSM, 2011, p. 109-127.

SENNA, Martha. *Referências na ficção machadiana*. 2015. Disponível em: <https://machadodeassis.net/equipe>. Acesso em: 4 mar. 2025.

SOUSA, Celeste Ribeiro de. *Do cá e do lá*: introdução à Imagologia. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.